

Ninhos de cegonhas em Portugal aumentaram 50% em dez anos

Dois problemas ambientais, o lixo e a praga dos lagostins-vermelhos, continuam a convencer a cegonha branca a permanecer o ano todo no país, ao invés de migrar para África

Ambiente Ricardo Garcia

O número de ninhos de cegonhas-brancas em Portugal aumentou cerca de 50% na última década, segundo os resultados preliminares do censo nacional da espécie realizado este ano. E, ironicamente, os principais responsáveis por este sucesso são dois problemas ambientais: o lixo e a praga dos lagostins-vermelhos.

Cerca de uma centena de técnicos profissionais e voluntários percorreram o país entre Março e Junho e contaram 11.649 ninhos de cegonha

ocupados de norte a sul do país. São cerca de 4000 a mais do que em 2004, quando foi realizado o censo anterior. Já entre 1994 e 2004, tinha havido um aumento semelhante no número de ninhos.

Os dados dos censos realizados pelo Instituto para a Conservação da Natureza e Florestas (ICNF), juntamente com vários parceiros, são a expressão numérica do muito que tem mudado na vida das cegonhas brancas em Portugal. Durante parte do século XX, a sua população diminuiu de modo preocupante, sem se saber bem porquê. Em 1984, foram contados 1533 ninhos, quando, no final dos

anos 1950, eram 3490. Vaticinou-se este, com o ritmo a que os números estavam a cair, a ave rapidamente desapareceria de Portugal.

Lançaram-se campanhas para proteger a espécie (*Ciconia ciconia*), mas o que a fez recuperar foram outros motivos. O principal terá sido o facto de cada vez mais casais permanecerem todo o ano em Portugal. Antes, a maior parte migrava no Outono/Inverno rumo a África, em busca de alimento. Não era uma empreitada sem riscos. Pelo contrário, muitas aves acabavam por morrer durante a viagem ou eram abatidas no destino, alvo da caça descontrolada.

O que fez as cegonhas-brancas desistirem de migrar foi a presença cada vez maior de alimento em Portugal. As aves acostumaram-se a verdadeiros banquetes nas lixeiras que proliferaram no país e, mais tarde, nos aterros sanitários que as substituíram. Ali caçam animais, como insetos e ratos, ou comem os restos de comida que estão no lixo. "Têm sempre alimento", afirma o ornitólogo Vítor Encarnação, do ICNF, que coordenou o censo das cegonhas.

As cegonhas também passaram a ter no seu menu o lagostim-vermelho da Luisiana (*Procambarus clarkii*), um crustáceo originário do Sude-

ste dos Estados Unidos, introduzido em aquaculturas em Espanha na década de 1970 e que rapidamente se espalhou por toda a Península Ibérica. Hoje é considerado uma praga, com efeitos particularmente nefastos sobre os arrozais, cujos sistemas de drenagens são prejudicados pelos túneis que o lagostim escava. Para as cegonhas, porém, são um pituê.

Tantas iguarias convenceram as aves a fixarem residência em Portugal. "A cegonha está a progredir graças às lixeiras e aos lagostins", garante Vítor Encarnação. "É uma espécie oportunista, com grande capacidade adaptativa. Ela aprende rapidamente que faz a casa e não precisa de fazer a viagem a África", explica o especialista, que está à frente do Centro de Estudo de Migração e Protecção de Aves, do ICNF.

Em 1995, foram contadas 1187 cegonhas a passar os meses de Outubro e Novembro em Portugal, ou seja, que não migravam para África. Em 2008, eram já cerca de 10.000, segundo números citados no livro *O Regresso da Cegonha Branca*, do ornitólogo Gonçalo Rosa e do fotógrafo Luís Quinta.

Sobe e desce

Há uma dose de ironia no facto de não terem sido medidas de conservação, mas sim mazelas ambientais, a afastarem as cegonhas brancas do perigoso caminho da extinção para torná-las abundantes no país. Para Luís Costa, director executivo da Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves (SPEA), esta não é, porém, uma leitura completamente justa. "Há uma legislação que cada vez mais protege as aves em geral", afirma. No passado, matar aves selvagens, assim como pillar ou destruir ninhos, eram actos mais comuns, sem vigilância ou penalização.

Além disso, outros factores relacionados com a actividade humana estarão a prejudicar as cegonhas, ao invés de ajudá-las. Os dados preliminares do último censo mostram que, em muitos concelhos do interior, o número de ninhos está a diminuir. Em Mourão, houve uma quebra de 34% entre 2004 e 2014. Em Barrancos, a quantidade caiu para a metade e, em Aljustrel, baixou 11%.

"Isto tem a ver com alterações na agricultura, nomeadamente a instalação de olival intensivo e de pivôs



Cada vez mais cegonhas passam o Inverno em Portugal

de rega para o milho", refere Vítor Encarnação. Nos olivais intensivos, explica o coordenador do censo das cegonhas, as árvores são de pequeno porte, pouco adequadas à sustentação de ninhos, que podem pesar algumas centenas de quilos. E, por baixo das oliveiras, há pouca vegetação e pouco alimento. Já os pivôs de rega exigem que o terreno esteja completamente livre de árvores.

Muitos ninhos são retirados delicadamente de postes eléctricos de média e baixa tensão da EDP. Na última década, a empresa identificou mais de 2500 ninhos em situação de risco – ou para a linha eléctrica ou para as próprias cegonhas. Nestes casos, sobretudo se os postes são

Nos distritos de Évora e Beja estão 44% dos casais nidificantes de cegonhas de todo o país. Há 1767 ninhos novos em relação a 2004. Houve aumentos significativos também em Santarém (707 ninhos novos), Coimbra (436) e Aveiro (370). Nestes últimos dois casos, a influência do efeito lagostim em zonas de arrozais, próximo de estuários, terá sido determinante.

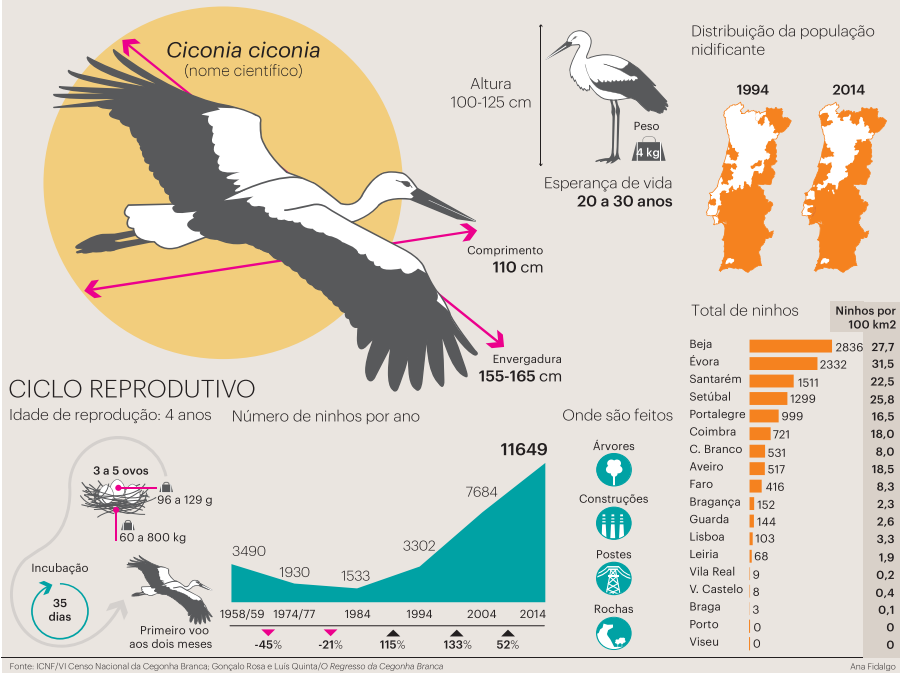
Outras aves também estão a beneficiar do alimento fácil nestas áreas, como a ibis-preta (*Plegadis falcinellus*). "Antes eram raras, agora é fácil vê-las nos estuários", afirma o director executivo da SPEA – que foi uma das organizações que colaboraram no censo das cegonhas, juntamente com o Centro de Estudos da Avifauna Ibérica e as associações Quercus, Liga para a Protecção da Natureza e A Rocha Portugal.

Ninhos de cegonha-branca estão a aparecer onde antes não existiam, como nos distritos de Braga e de Viana do Castelo. Mas, no geral, a distribuição da espécie mantém-se mais ou menos a mesma, presente em grande parte do país, mas ausente das zonas mais montanhosas ou com florestas mais densas, no interior centro e norte.

Até que ponto o número de cegonhas-brancas vai continuar a subir em Portugal, é algo que ninguém sabe dizer. O principal factor limitante serão os locais apropriados para se fazerem ninhos. "O número de sítios não é infinito", refere o director executivo da SPEA.

Nos últimos 20 anos, o crescimento tem sido linearmente constante, a uma taxa média de cerca de 4000 novos ninhos por década. "Até quando isto vai durar, não sei dizer", diz Luís Costa.

Uma ave carismática



Brevés

Citius

Ministra da Justiça garante que será aberto inquérito

A ministra da Justiça, Paula Teixeira da Cruz, garantiu ontem que assim que tiver o relatório sobre os problemas da plataforma informática Citius será aberto um inquérito interno. "É meu timbre apurar responsabilidades e é isso que vamos fazer e depois actuar em função desse mesmo apuramento", disse, adiantando que vai decorrer um inquérito interno assim que for entregue o relatório do Instituto de Gestão Financeira e dos Equipamentos da Justiça. Paula Teixeira da Cruz falava aos jornalistas à margem da Conferência Os Direitos da Criança. Prioridade para quando?, promovido pelo Instituto de Apoio à Criança para assinalar os 25 anos da Convenção dos Direitos das Crianças e que decorre em Lisboa.

Pela aprovação de estatuto Começa amanhã greve ao trabalho suplementar na PJ

A Associação Sindical dos Funcionários Judiciais (ASFIC/PJ) inicia amanhã uma greve ao trabalho suplementar e às unidades de prevenção, em protesto contra a não aprovação pelo Ministério da Justiça do estatuto profissional da classe. Carlos Garcia revelou que a ASFIC enviou uma carta aberta à ministra da Justiça, Paula Teixeira da Cruz, em que sublinha que não foi cumprida a promessa governamental feita há oito meses de aprovação do estatuto profissional dos investigadores criminais. Carlos Garcia entende que o facto de não haver ainda um estatuto profissional dos funcionários da investigação criminal é "também da responsabilidade da actual direcção da Polícia Judiciária".

Rede de médicos de família registou subida de 12% nos novos casos de diabetes

Saúde Romana Borja-Santos

Rede Médicos-Sentinelas diz que dados acompanham "tendência crescente deste problema de saúde em Portugal"

O número de novos casos de diabetes detectados em 2013 pela Rede Médicos-Sentinelas cresceu 12% em relação ao ano anterior, de um total de 836 casos por 100 mil habitantes para 933 casos. Os dados fazem parte do relatório referente ao ano passado e agora divulgado por esta rede de médicos de família que trabalham nos centros de saúde do Serviço Nacional de Saúde (SNS).

No ano passado a rede recebeu 157 notificações de novos casos de diabetes, que em 55,4% dos casos foram de mulheres. As idades totais variaram entre os 13 e os 87 anos, com uma mediana de 63 anos. Houve ainda cinco internamentos hospitalares e um óbito. Com estes dados, a rede de clínicos estimou que a taxa de incidência de diabetes era de 557 casos por cada 100 mil habitantes – um valor que sobe para os 932 casos por cada 100 mil pessoas, se tivermos apenas em consideração a população acima dos 35 anos.

No caso do sexo masculino, a incidência mais elevada ocorre entre os 55 e os 64 anos, enquanto nas mulheres o valor sobe a partir dos 65 anos. De acordo com o relatório, "as elevadas taxas de incidência de diabetes mellitus em ambos os sexos, acompanhando a tendência crescente deste problema de saúde em Por-



Casos de hipertensão também registaram crescimento

tugal", reforçam "a necessidade de manter a diabetes mellitus sob monitorização na rede".

Em 2013, de acordo com um estudo da Autoridade Nacional do Medicamento (Infarmed), Portugal gastou, em média, 575 mil euros por dia em medicamentos para a diabetes, com os encargos a aumentarem cerca de 400% nos últimos 13 anos. A despesa do Estado com estes fármacos atingiu os 210 milhões de euros, quase um quinto do total dos medicamentos em ambulatório.

No período de 2000 a 2006, o peso destes medicamentos rondava 5%, enquanto actualmente se situa nos 18% do total dos encargos do SNS em ambulatório. Porém, no ano passado a despesa com medicamentos cresceu mais do que o número de fármacos consumidos, o que, explicou o Infarmed, "significa que se começaram a utilizar alternativas de tratamento mais dispendiosas".

Em Portugal existem actualmente mais de um milhão de pessoas com diabetes. Estima-se que em 2035 a prevalência desta doença crónica atinja os 15,8%, cerca de 1,2 milhões de pessoas.

Esta rede olhou também para os dados relativos à hipertensão e, também aqui, foi registada uma subida significativa da incidência. No ano passado foram notificados 234 casos de hipertensão arterial, correspondendo 53% das situações a mulheres. Na população com mais de 25 anos estes dados correspondem a uma incidência de 1122 casos por cada 100 mil habitantes, quando em 2012 o valor se ficou pelos 822, o que significa que houve um aumento superior a 35%. Para o total da população inscrita a incidência baixa, mas ainda assim fica nos 830 casos por cada 100 mil utentes. Nos homens as taxas mais elevadas encontram-se entre os 55 e os 64 anos, e nas mulheres entre os 65 e os 74.

Os Médicos-Sentinelas recolheram também dados relacionados com o planeamento familiar e que indicam que quase 38% das 220 grávidas notificadas em 2013 pela rede não foram planeadas, um número que aumenta para 70% no grupo de grávidas com idades entre os 15 e os 24 anos. Mesmo assim, os valores registaram uma ligeira melhoria em relação a 2012. O número de consultas relacionadas com depressão e os casos de insónia foram outros dos indicadores avaliados e que, da mesma forma, registaram valores mais positivos do que no relatório anterior.